

A EMPATIA COMO FUNDAMENTO PARA A ÉTICA

Fátima Raquel Szjmwelski¹
Luiz Felipe dos Santos²

50

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar o conceito de Empatia na visão de Edith Stein e analisar de que modo a Empatia proporciona o fundamento para a Ética. Para tanto, iniciaremos expondo o contexto no qual se insere o pensamento filosófico de Edith Stein, que tem seu suporte principal na fenomenologia de Edmund Husserl. A fenomenologia estava ganhando destaque período em que Stein inicia seus estudos, como novidade no cenário filosófico e, diferente da grande maioria das correntes filosóficas da época, procurava enfatizar a importância de um conhecimento que não se fechasse apenas em facticidades, mas também buscasse a essencialidade do mundo e do próprio ser humano. Em seguida apresentaremos o conceito de Empatia na ótica de Stein, este se destaca no seu estudo como um ato peculiar, capaz de orientar o ser humano a apreender e, por consequência, compreender aquilo que o outro vivencia. Por fim, faremos uma aproximação entre Ética e Empatia, descrevendo de que forma a Empatia contribui para uma ação efetivamente Ética e de que modo esta forma de conceber a Ética se contrapõe com a Ética do Positivismo, que era uma das mais influentes correntes de pensamento do período. A Ética, sendo uma teoria sobre os valores e juízos morais presentes nas mais diversas comunidades, quando pautada na Empatia proporciona que o ser humano consiga colher aquilo que o outro vive gerando, assim, uma melhor compreensão e aceitação do outro.

Palavras-chave: Empatia. Ética. Fenomenologia. Stein.

RESUME : Cet article vise à présenter le concept de l'Empathie dans la vision d'Edith Stein et à analyser comment l'Empathie fournit les bases de l'Éthique. Pour ce faire, nous commencerons par exposer le contexte dans lequel est insérée la pensée philosophique d'Edith Stein, qui a son principal support dans la phénoménologie d'Edmund Husserl. La phénoménologie gagnait une période importante, dans laquelle Stein commençait ses études, comme une nouveauté dans le scénario philosophique et, contrairement à la grande majorité des courants philosophiques de l'époque, cherchait à souligner l'importance une connaissance non seulement fermé aux facticités mais aussi essentiel. le monde et l'être humain lui-même. Ensuite, nous présenterons le concept d'empathie dans la perspective de Stein, qui se démarque dans son étude comme un acte particulier, capable de guider l'être humain vers l'appréhension et, par conséquent, de comprendre ce que vivent les autres. Enfin, nous ferons un rapprochement entre éthique et empathie, en décrivant comment l'empathie contribue à une action effectivement Éthique et, dans cette manière de concevoir l'Éthique, et de cette façon, avec l'Éthique du Positivisme,

¹ Graduada em Psicologia pela UFPR (2010); Especialista em Psicologia do Trânsito pelo CFP (2014); Especialista em Psicologia Clínica pelo ITCR (2016); Mestre em Psicologia pela UFPR (2012). Contato: fatimaszin@yahoo.com.br

² Bacharelado de Filosofia na Faculdade Vicentina. Contato: luiz_fx@yahoo.com.br

l'un des courants de pensée les plus influents de l'époque. L'éthique, en tant que théorie sur les valeurs et les jugements moraux présents dans les communautés les plus diverses, basée sur l'empathie, permet à l'être humain de récolter ce que les autres vivent et ainsi de mieux comprendre et accepter l'autre.

Mots-clés: Empathie. Éthique. Phénoménologie. Stein.

INTRODUÇÃO

De acordo com Vasquez (1995, p. 10-11), a Ética tem um caráter basicamente teórico e enquanto teoria busca explicar, esclarecer ou investigar certa realidade. A Ética deve, portanto, justificar os motivos de ser da diversidade de conjuntos morais e mudanças sociais existentes nas mais diferentes sociedades; não é incumbência da teoria Ética legislar juízos de valor sobre a prática moral dessas sociedades, ou das sociedades de outras épocas, em nome de uma moral absoluta e universal.

A sociedade contemporânea vem mudando significativamente os valores morais que até então norteavam o caminhar da humanidade. Segundo Russ (1999, p. 10), “vivemos um momento em que as referências tradicionais desapareceram em que não sabemos mais exatamente quais podem ser os fundamentos possíveis para uma teoria ética.”

Neste contexto surgem várias alternativas para a formulação de teorias relacionadas à Ética. A Empatia, na forma que é concebida por Edith Stein, apresenta-se como uma ferramenta para a compreensão de vivências alheias, a partir disso pretendemos analisar de que forma ela contribui para a fundamentação não apenas de uma teoria, mas de uma vivência Ética.

1. EDITH STEIN: CONTEXTO FILOSÓFICO

Edith Stein nasceu em 12 de outubro de 1891, no então território alemão de Breslau. Filha mais nova de uma família judia, perdeu seu pai logo aos dois anos de idade, sua mãe tomou para si os cuidados da casa e criou seus filhos sob os valores e ensinamentos judaicos (TEIXEIRA, 2017, p. 18).

Sua filosofia tem como suporte principal a Fenomenologia de Edmund Husserl. Seu contato com o método fenomenológico se deu no período de sua formação na Universidade de Breslau, onde, por volta dos vinte anos de idade, começou a estudar História e Filologia e, posteriormente, Filosofia e Psicologia (KUSANO, 2014, p. 24-26).

Ainda em Breslau fez a leitura da segunda edição de “Investigações Lógicas” de Edmund Husserl, obra que tivera sua primeira edição publicada em 1901 onde, segundo Belo (2014, p. 28-29), “ele havia demonstrado que percebia a insuficiência da psicologia, orientando-se para a lógica, a fim de captar o significado dos processos do conhecimento”. Assim se iniciava o interesse de Stein pela Fenomenologia e o seu fascínio pelo trabalho Husserl a ponto de partir à Göttingen, cidade em que Husserl lecionava, para estudar com ele.

Neste período, o método científico estava em alta inclusive nas ciências humanas; apenas aquilo que pudesse ser verificado por experiências era valorizado e dado como verdadeiro. Era o auge do Positivismo de Augusto Comte, que se baseia na chamada “Lei dos três estados” para fundar sua filosofia, no qual afirma que cada ramo do entendimento humano passaria por três estágios em sua forma de explicar os fenômenos da realidade, a saber: Estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato e por fim estado científico ou positivo (ALMEIDA, 2014, p. 7; SELL, 2010, p. 30).

No estado teológico, o espírito humano, [...], apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo. No estado metafísico, [...], os agentes sobrenaturais são entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo, e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados, cuja explicação consiste, então, em determinar para cada um uma entidade correspondente. Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. (COMTE, 1978, p. 4)

Este esquema proposto por Comte evidencia que para o Positivismo, a religião e a filosofia são momentos de transição no desenvolvimento do saber humano sendo substituídas pela ciência. O conhecimento que não estiver fundado no método científico não tem valor de verdade e, por consequência, perde seu significado (SELL, 2010, p. 31).

Ao buscar um método seguro para o conhecimento, Husserl parte da chamada “tese do mundo”, em que tudo o que existe se encontra no mundo, situado no espaço-tempo e podemos acessá-los por meio dos sentidos. De

acordo com Husserl, se além de apenas vivenciarmos tal tese, nós a utilizarmos para o conhecimento exercemos o que ele denominou “atitude natural” e, por consequência, adotamos um “realismo ingênuo” do mundo, pois nos inserimos nele através dos sentidos sem um exame crítico da existência do próprio mundo, baseado apenas na “realidade factual” (TOURINHO, 2010, p. 382).

No início de sua vida acadêmica, Husserl tem um especial interesse pelas noções de lógica e matemática e de consciência e intencionalidade, retirados de seu mestre Franz Brentano. De acordo com Cerbone (2014, p. 29) “[...] Husserl está interessado em entender a natureza e o *status* da lógica e da matemática e explicar nosso entendimento ou compreensão delas”.

Em vez da realidade, então, o que ciências naturais não podem explicar é a “idealidade”: as verdades acerca de princípios da lógica e da matemática. Qualquer tentativa de naturalizar essas verdades e princípios tem consequências desastrosas de acordo com Husserl resultando basicamente na autorrefutação do próprio naturalismo. Ou seja, o naturalismo tenta explicar princípios lógicos inteiramente em termos de psicologia: princípios lógicos são princípios psicológicos; as leis da lógica são leis naturais da psicologia, ou seja, leis que generalizam como entes humanos e talvez outros entes sencientes pensam. [...]. O resultado é “relativismo”: existirão, ao menos em princípio, diferentes leis e princípios lógicos, diferentes leis e princípios acerca da verdade, dependendo do caráter dos processos psicológicos encontrados em qualquer tipo ou população de criaturas. (p. 29-30)

Brentano investigava os atos mentais que, segundo ele, diferenciavam-se pelo que chamava intencionalidade (noção retirada por ele da escolástica medieval). Para Brentano, dizer que um ato mental é intencional significa afirmar que tal ato está direcionado para um objeto, proporcionando “com que um pensamento ou uma percepção sejam sempre o pensamento sobre algo ou percepção de algo” (KUSANO, 2014, p. 30). Husserl reelabora o conceito de intencionalidade, e este se torna em seu método “uma estrutura à inerente a consciência, de ‘natureza lógico transcendental’” (p. 30).

De acordo com a reelaboração de Husserl, esta estrutura intencional gere os atos mentais, tais como percepção, imaginação, vontade, memória e julgamento, apontando para algo que está fora dela mesma e que, no entanto, relaciona-se com ela. Os atos mentais dirigem-se aos objetos e os objetos em si não estão na mente, mas são realidades externas a qualquer mente em particular (p. 32).

O ponto central para a compreensão da posição filosófica adotada por Husserl é a chamada Redução Fenomenológica, pois a Fenomenologia é uma reflexão sobre um fenômeno. E fenômeno constitui não apenas aquilo que aparece ou parece, mas aquilo que se mostra. Este caminho para compreender o fenômeno é formado por duas etapas: a busca do sentido dos fenômenos – redução eidética – e como é que o sujeito busca os sentidos – redução transcendental (BELLO, 2006, p. 18).

O movimento exigido pela redução, para assim alcançar uma atitude crítica frente a passividade da orientação natural, consiste no ato de suspender a tese do mundo, ou seja, colocar os fatos e a concretude da existência entre parênteses para acolher a essencialidade. Essa suspensão, que Husserl nomeou como *epoché*, não significa nem a negação da tese da existência do mundo, nem a dúvida cartesiana sobre a realidade de sua existência, mas significa uma mudança de perspectiva que implica numa suspensão ou num colocar entre parênteses a factualidade para alcançar a essencialidade. (KUSANO, 2014, p. 40)

Em suma, na Europa do século XIX, o método científico estava em alta inclusive nas ciências humanas; apenas aquilo que pudesse ser verificado por experiências era valorizado e dado como verdadeiro. Era o auge do Positivismo de Augusto Comte e, como consequência, tivemos a desvalorização da metafísica e a chamada “coisificação” do homem, que era cada vez mais abafado por exames de comportamentos. Além disso, Psicologia reduzia o ser humano a simples impulsos psicofísicos, considerando apenas suas dimensões corpóreas e psíquicas, sem levar em conta sua dimensão espiritual. E a fenomenologia de Husserl surgia como uma novidade, fazendo oposição a métodos que ele considerava não abranger o homem na sua totalidade (ALMEIDA, 2014, p. 7).

2. EMPATIA PARA STEIN

Edith Stein encontra na fenomenologia um método seguro de conhecimento:

O objetivo da fenomenologia é a clarificação e, com ela, a fundamentação última de todo conhecimento. Para chegar a esse objetivo exclui-se de sua consideração tudo o que de alguma forma é “dubitável”, o que pode ser eliminado. Em primei-

ro lugar, os resultados de qualquer ciência não são usados: isso é intrinsecamente compreensível, porque uma ciência que quer ser o esclarecimento final de todo o conhecimento não pode apoiar, por sua vez, uma ciência já fundamentada, mas deve ser baseada em si mesma. (STEIN, 2004, p. 19, tradução nossa)

Através do método fenomenológico, Stein buscava chegar a apreensão do sentido das coisas mesmas. “Com efeito, não só o que se expressa em semblantes e gestos, mas o que se oculta atrás. Acaso vejo que alguém põe um semblante triste, porém na verdade não está aflito” (ALMEIDA, 2014, p. 12).

É a partir da sua tese de doutorado, que tem por título *Zum Problem der Einfühlung* (O problema da Empatia), que Stein demonstra sua posição e originalidade em relação a fenomenologia. Nele a autora busca contribuir para a pergunta a respeito sobre o que é o ser humano.

Muitos autores ao se referir a Empatia³ preferem utilizar o termo Intropatia que, de acordo com Alferi (2014, p. 86), destaca “seu caráter de experiência da consciência alheia contra a interpretação psicologista que poderia entendê-lo como simpatia”. Contudo, para Filho (2014, p. 33), o termo Empatia é o mais utilizado em português e, na tradução dos prefixos latinos, ambos têm significados semelhantes, portanto não há necessidade de escolha entre um outro.

Stein, ao explicar o que é a Empatia, não se limita a dar uma simples definição, mas aplica uma ampla linguagem para falar sobre o seu significado, contrapondo-a com outros atos da consciência pura, ou seja, antes de dizer o que é Empatia ela diz em primeiro lugar o que ela não é. Com isso, a autora tem a intenção de fugir de um conceito meramente idealista, de um simples sentimentalismo, para assim colher a essência da Empatia (FILHO, 2014, p. 31).

Ao começar a definir Empatia pelo que ela não é, a autora diz que embora a Empatia tenha certa relação com percepção externa ela não tem esse caráter. A relação entre as duas consiste no fato de que o objeto que se apreende se dá aqui e agora (*hic et nunc*). A percepção externa é um ato originário, ou seja, tem origem a partir daquele que a vive em primeira pessoa, apesar de que, ainda assim, não falte a empatia esse caráter de originariedade (STEIN, 2004, p 23, tradução nossa).

³ A palavra alemã utilizada por Husserl (*Einfühlung*) é composta por três partes, o núcleo *fuhl* significa “sentir”. Há na língua grega uma palavra que poderia corresponder a *fuhl* (e a feeling, derivada da língua latina): *pathos*, que significa “sofrer” e “estar perto”. A palavra empatia é uma tentativa de tradução desse sentir em termos linguísticos espontâneos do ser humano, para sentir o outro (BELLO, 2006, p. 64-65).

Para clarear a diferença entre a percepção externa e um ato empático, Stein cita o exemplo de um amigo que chega até mim e diz ter perdido seu irmão e eu me dou conta de sua dor. Esse dar-se conta da dor do meu amigo é um ato empático, já que não se pode ter percepção externa da dor, já que os traços físicos da dor não são a dor propriamente dita. Se meu amigo não expressasse os sinais físicos de sua dor, eu conseguiria apreender a sua dor através de uma conversa com ele (FILHO, 2014, p. 36).

Stein ainda faz uma comparação da empatia com os atos da recordação, expectativa e fantasia, para dizer que estes são experiências de certa forma originárias e vividas no presente. Após fazer uma análise desses atos ela considera três os graus de presentificação de vivências: 1º a aparição da vivência, 2º a explicação plena e 3º a objetivação compreensiva da vivência explicitada. “No primeiro e terceiro grau, a presentificação representa o paralelo não original da percepção, enquanto o segundo grau corresponde ao desempenho da experiência” (STEIN, 2004, p. 27, tradução nossa).

No primeiro grau, a vivência emerge diante de mim. No segundo, colho o sentido que essa vivência me oferece, ou seja, colho o seu objeto (conteúdo). É somente no terceiro grau que essa vivência se torna objeto para mim, por meio da clareza que me dá a compreensão. Dada essa dinâmica, no primeiro e terceiro graus a presentificação corresponde de modo não originário à percepção não originária, pois a vivência emerge para mim e eu a tomo como objeto assim como quando percebo a mesma percepção de alguém: não tenho sua percepção, mas percebo o mesmo que ele percebe e ainda percebo que ele percebe. No segundo grau, a presentificação corresponde de modo não originário à atuação da vivência, pois se trata da vivência do objeto da vivência do outro, que não é minha, embora eu a torne presente para mim. (FILHO, 2014, p. 39)

A diferença da Empatia com relação aos atos da recordação, expectativa e fantasia é que a experiência daquele que empatiza não é a mesma do empatizado; em outras palavras, a experiência empatizada não deriva daquele que empatiza e sim daquele que é empatizado. O meu amigo vivencia sua dor por primeiro e eu capto esse conteúdo de forma não originária. A recordação, a expectativa e a fantasia apenas presentificam vivências que foram ou serão originárias e, quando presentificadas, já não são mais originárias, mas apenas presentificadas. A partir dessa distinção Stein conclui que, pela a Empatia, chega-se a um tipo de ato experiencial *sui generis* (STEIN, 2004, p. 27, tradução nossa; FILHO, 2014, p. 39).

A Empatia também não deve se confundir com percepção interna. Para evitar confusões, Stein achou por bem chamar percepção interna de “intuição interna”. Essa se difere da Empatia no seu caráter de originariedade. Na “intuição interna” é o meu eu o originário da vivência, enquanto na Empatia a vivência se dá primeiro de forma não originária, ou seja, primeiro apreendo a vivência do outro e essa produz em mim um ato originário (FARIAS, 2013, p. 32).

A Empatia, portanto, é co-originária, em que não vivo a experiência do meu amigo, mas vivo o objeto de sua experiência, não vivo a dor dele, porém vivencio a dor da mesma forma que ele vive. Quer dizer que mesmo sentindo o que ele sente, esse sentimento não procede do meu eu, mas de um outro eu, alguém parecido comigo, o sentimento é originário apenas para ele. A Empatia faz com que eu me dê conta da dor do outro, porém sem me colocar dentro do outro, ou sem a intenção de ser o outro.

Stein também chama atenção para a experiência da chamada Empatia negativa.

Quando estamos diante de outro eu, que numa alegria originária comunica sua vivência, mas por qualquer outro motivo o meu eu está mergulhado numa vivência de melancolia e, apesar de apreender a alegria do outro, estabeleço barreiras para que essa alegria não produza em mim uma alegria originária, e isso Stein vai denominar como empatia negativa. O que é surpreendente é o estabelecimento da ação empática, seja ela positiva ou negativa que se estabelece de forma peremptória à vivência empática. Pode haver também a possibilidade de meu eu não estabelecer nenhuma barreira a vivência do outro e isso ocasionar o meu consentimento para uma mudança de vivência do meu eu. (FARIAS, 2013, p. 31)

Este fato ajuda a ilustrar o papel do consentimento no processo empático. A Empatia é anterior ao consentimento, ou seja, pode ocorrer com ele ou não, porém quando ele ocorre a vivência empática é intensificada (p. 30).

Ciente de que vários outros autores⁴ falaram sobre a Empatia e que os atos empáticos são difíceis de precisar, Stein acaba dedicando parte de sua tese

⁴ Esses autores, na ordem de aparecimento no texto de Stein, Theodor Lipps (1851-1914), Adam Smith (1723-1790), Alexius Meinong (1853-1920), Max Scheler (1874-1928), Moritz Geiger (1880-1937), Stephan Witasek (1870-1915), Karl Prandtl (1820-1888), William Louis Stern (1871-1938), Johannes Volkelt (1848-1930), Hermann Siebeck (1842-1920), John Stuart Mill (1807-1873) e Hugo Münsterberg (1863-1916) (FILHO, 2014, p. 41).

para fazer contraposições com esses autores, pois, segundo Stein, não teriam conseguido descrever este ato em sua totalidade e naquilo que lhe é próprio.

Após estas contraposições, Stein procura firmar a Empatia como um ato intersubjetivo, *sui generis*, em que o sujeito que empatiza não tem apenas os mesmos sentimentos do outro, mas apreende o objeto da vivência alheia, porém sem colocá-lo dentro do empatizado.

3. RELAÇÃO EMPATIA E ÉTICA

A Ética é um dos temas mais debatidos na filosofia ao longo da história:

Etimologicamente, a palavra “ética” origina-se do termo grego *ethos*, que significa o conjunto de costumes hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura. Os romanos traduziram para o termo latino *mos, moris* (que mantém o significado de *ethos*), dos quais provem *moralis* que deu origem à palavra moral em português. (MARCONDES, 2014, p. 9)

Atualmente a Ética se difere da Moral pela sua generalidade, enquanto a Moral conserva esse caráter de conjunto de hábitos, costumes e valores de uma determinada cultura. A Ética tem pretensões universais, aspirando servir para todos, ganhando assim um caráter mais teórico, que ajuda na explicação ou justificação de certo comportamento Moral (VAZQUEZ, 1995, p. 10).

Para Russ (1999, p. 8), a Ética designa “uma ‘metamorál’, uma doutrina que se situa além da moral, uma teoria raciocinada sobre o bem e o mal, os valores e os juízos morais”. Deste modo, o indivíduo possui condições de julgar as ações, distinguindo-as entre as adequadas e as inadequadas.

Os comportamentos morais são históricos, ou seja, mudam de acordo com as variações da história. Podemos considerar a sociedade escravista com uma moral mais elevada com relação a primitiva, pois deixa de lado práticas, como por exemplo o antropofagismo e o canibalismo, mas isso não quer dizer que há uma evolução total, já que alguns homens passam a subjugar outros. Vemos com isso que a evolução histórica da sociedade produz consequências positivas e negativas com relação a Moral, mas não podem ser julgados moralmente bons ou ruins, pois o progresso histórico não é resultado de ações conscientes do homem, e sim frutos de suas necessidades, que vão se modificando com o tempo (VASQUEZ, 1995, p. 44).

Um ato só pode ser avaliado moralmente a partir da consciência e liberdade do homem, pois o ato Moral é fruto de uma ação livre e consciente do mesmo. E por ser uma ação livre e consciente faz com que seja assumida não de forma mecânica, mas por uma convicção interna da pessoa, a partir da sua vivência com os outros e com a comunidade na qual se insere (p. 44).

Essa convicção interna e singular de um ato Moral é fundamental para compreender a importância da Empatia em relação à Ética, pois considerando-a como uma “Metamor”, o agir Moral se dá a partir da subjetividade de cada indivíduo, tendo em vista a subjetividade e os valores alheios e “[...] a empatia é o que permite afirmar a intersubjetividade e garantir uma visão não solipsista do mundo nem do próprio eu que conhece.” (FILHO, 2014, p. 51).

Através da Empatia o sujeito que conhece e vive no mundo tem a possibilidade de perceber que não está sozinho neste mundo, mas sim rodeado de outros que são semelhantes a ele e que também possuem seus valores. A Empatia permite ao indivíduo captar os valores alheios enquanto vai criando os seus próprios valores. Segundo Stein:

O fato de viver um valor é fundamental a respeito do próprio valor. Mas, com os novos valores obtidos por meio da empatia, o olhar se abre simultaneamente sobre os valores desconhecidos da própria pessoa. Enquanto, empatizando, nos deparamos com esferas de valor para nós impedidas, tornamo-nos conscientes de um defeito próprio ou a falta dele. Cada afirmação de pessoa de outro gênero pode resultar na base de um confronto de valoração. E o fato que no ato de antepor ou pospor somente chego ao dar-se dos valores que para mim não eram observados, com isso aprendemos valorar de quando em quando a nós mesmos justamente, do momento que vivemos, atribuindo a nós maiores ou menores valores em confronto com os outros (STEIN, 2004, p. 134, tradução nossa).

Stein faz uma distinção entre ajuntamentos de pessoas, a saber: massa, sociedade e comunidade. A partir desta distinção temos uma melhor compreensão do papel da Empatia para um agir efetivamente ético.

Massa seria apenas um aglomerado de indivíduos sem ligações internas, com vínculos contingentes, ela não possui uma forma própria. Esta é dada por quem se apropria dela para um projeto intelectual e, por consequência, pode ser bom ou mal, porém já está de certo modo pervertido com relação a Moral, pois desrespeita a liberdade humana (BELLO, 2006, p. 72; FARIAS, 2013, p. 76).

Com relação à sociedade, temos pessoas que se reúnem com certos objetivos comuns compartilhados, portanto com vínculos corporais e que se, além desses, forem capazes de estabelecer vínculos psíquicos e espirituais podem formar uma comunidade (BELLO, 2006, p. 75). A fraqueza desse agrupamento está no fato de que, se a finalidade que os mantém unidos acabar, poderá formar-se outra sociedade ou deixar de existir (p. 83).

O melhor jeito de agrupar indivíduos, segundo Stein, é a comunidade, pois nela os seus membros têm suas diferenças respeitadas e asseguradas e cada um, na sua liberdade, busca o bem comum. “Aqui, fica evidente o desenvolvimento integral do ser humano, portador de um potencial que é fomentado pelos demais e este, ao mesmo tempo, sente-se seguro em declinar de sua vontade em prol do coletivo, sem perder sua individualidade” (FARIAS, 2013, p. 86).

Aqueles que fazem parte de uma comunidade adotam responsabilidades comuns, considerando a liberdade uns dos outros, pois é a partir daí que examinam e põe em prática o projeto comunitário (BELLO, 2006, p. 73).

A partir destes elementos podemos fazer um paralelo entre a Ética que se forma através da Empatia e a Ética do Positivismo de Comte, que é composta por dois fundamentos: “o Altruísmo e a Vida em sociedade” (NETO, 2015, p. 4).

O ponto principal do Altruísmo para Comte é “viver para os outros”. Isso não era contrário aos instintos do homem já que esse possui, junto aos instintos egoístas, instintos simpáticos que a educação positiva pode fazer crescer progressivamente até que prepondere sobre os outros (ABBAGNANO, 2007, p. 35).

Com relação a vida em sociedade, Comte afirma que o homem nasceu para a vida em sociedade e só nela pode sobreviver, porém ele não é apenas governado pela a sociedade na qual se insere, mas também pelas passadas. Para Comte cada geração se desenvolve a partir do que recebeu da geração passada. Assim sendo “há continuidade e transmissão”. De acordo com isso, o homem está inserido no que Comte chama Humanidade, e é ela que deve ser a base para a Ética e não mais o transcendente (NETO, 2015, p. 7).

Através de sua Ética, o Positivismo evidencia a exclusão do elemento religioso e abre as portas para uma nova forma de conceber o mundo. Esses valores firmados na própria natureza humana serão as bases do Positivismo lógico e, portanto, não se esgotam no pensamento Comtiano, mas se desenvolvem em várias versões.

Para Stein, o elemento transcendental não é um empecilho para construção dos valores, mas sim um reforçador, pois a Empatia permite ao indivíduo reconhecer-se como ser dotado não apenas de corpo-psíquê, mas também

espírito. O ser humano reconhecendo-se como sujeito espiritual pode ter uma maior compreensão do outro, e essa compreensão é fundamental para que a Ética possa se concretizar:

O sujeito, desse modo, em relação ao outro sujeito, pode ter imediatamente, a nível psíquico, rejeição ou atração. No entanto, é no nível espiritual que tomamos uma postura dessas vivências. É nesse contexto que se dá a reflexão como atividade espiritual para penetrar em si mesmo a fim de pôr sentido à aproximação ao outro. [...] O caráter da pessoa alheia e seu valor podem não ser vistos sensivelmente; são, portanto, observados através das ações. Contudo, o mundo dos valores é espiritual. A relação empática, com isso, favorece trocas de vivências. (ALMEIDA, 2014, p. 43)

Em suma, a Empatia faz com que o indivíduo consiga penetrar na vivência do outro e se dê conta dessa vivência, assim, pode reconhecer os valores alheios sem fazer juízos dos mesmos, mas justificar a razão de ser de cada um e partir deles criar seus próprios valores, distinguindo-os entre os mais ou menos adequados, não apenas para si, mas também para toda comunidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática com relação à Ética é um tema de extrema importância para a filosofia em todos os tempos, pois é a partir desta que o ser humano pode melhor conviver com o seu semelhante e a Empatia de Edith Stein se apresenta como um bom caminho para fundamentar a Ética.

A Empatia permite ao indivíduo reconhecer-se na sua totalidade e encontrar o valor do outro, para também a partir do valor deste outro construir seus próprios valores. Ela possibilita, ainda, o indivíduo captar a razão de ser de cada um, os motivos que levam os outros serem quem são, penetrar em sua essência e com isso aceita-los sem impor sobre eles juízos de valor.

Destacamos que as discussões em torno da Ética e da Empatia são demasiadamente amplas, por isto, a partir daquilo que foi trabalhado neste artigo deixamos como sugestão para pesquisas futuras as seguintes indagações: De que forma é possível ensinar, ou transmitir o agir Ético que se dá através da Empatia? Quem seriam os responsáveis por tal feito?

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

ALFIERI, F. Singularidade e síntese harmônica do ser humano. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**. Organização e tradução de Clio Francesca Tricarico 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 63-102

ALMEIDA, R. E. A empatia em Edith Stein. **Cadernos IHU**. Belo Horizonte, 2014, ano 12, n. 48, 61 p.

BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de Ir. Jacinta Tuorolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru: Edusc, 2006. 108 p.

_____. O itinerário existencial, filosófico e espiritual de Edith Stein. In.: _____. **Edith Stein: Paixão pela Verdade**. Tradução de José J. de Queiroz. Curitiba: Juruá, 2014. p. 27-40

CERBONE, D. R. Husserl e o projeto de fenomenologia pura. In.: _____. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 25-64.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva**. Tradução de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural. 1978. p. 1-39. (Coleção Os pensadores).

FARIAS, M. R. **A empatia como condição de possibilidade para o agir ético**. 2013. 96f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2013.

FILHO, J. S. (Org.) **Empatia, Edmund Husserl e Edith Stein**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

KUSANO, M. B. **A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a Filosofia**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014. 149 p.

MARCONDES, D. **Textos básicos de ética: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 143 p.

NETO, A. V. L. Ética do Positivismo. **Positivismo de Comte**. 16 jun. 2015. Disponível em: <<https://positivismodeacomte.wordpress.com/2016/08/06/etica-do-positivismo/>>. Acesso em 15 jun. 18.

RUSS, J. **Pensamento ético contemporâneo.** Tradução de Constança Marcondes Cesar. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1999. 176 p.

SELL, C. E. **Sociologia clássica:** Marx, Durkheim e Weber. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 160 p.

SILVA, J. A Europa do século XX. **História geral.** 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

STEIN, E. **Sobre el problema de la empatia.** Tradução de Jose Luis Caballero Bono. Madri: Editorial Trotta, 2004. 141 p.

TEIXEIRA, P. E. L. **A formação integral da pessoa em Edith Stein:** perspectivas teológicas e pedagógicas. 2017. 148f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – PUCRS, Porto Alegre, 2017.

TOURINHO, C. D. C. Fenomenologia e ciências humanas: a crítica de Husserl ao positivismo. **Revista de filosofia Aurora,** Curitiba, v. 22, n. 31, p. 379-389, jul./dez. 2010.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética.** Tradução de João Dell' Anna. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995. 280 p.